

A COMUNICAÇÃO E O DIÁLOGO NA PERSPECTIVA DE AUSTIN E FREIRE: CONTRIBUIÇÕES PARA O CONCEITO DE APRENDIZAGEM DIÁLOGICA¹

Marcia Gouveia da Cunha²

O resumo aqui apresentado refere-se a um trabalho de Iniciação Científica desenvolvido no âmbito do Programa de Iniciação Científica PIVIC, vinculado à Faculdade de Educação-UFG. A partir desta pesquisa, compreende-se que a comunicação e o diálogo podem ser tomados como possibilidade na realização de práticas educativas de êxito, visto que a linguagem é uma das principais características do ser humano enquanto sujeito social e coletivo. Na produção científica, importantes autores escrevem sobre o diálogo na ação do sujeito no mundo, sendo tomados como objeto de estudo no presente trabalho Austin (1962) e Freire (2011); (2006).; (2005). Austin e Freire ressaltam o caráter transformador do diálogo, compreendendo-o como social e histórico. Discutem sobre o poder que as palavras, comunicação e diálogo possuem, interferem e modificam as relações, que o sentido da palavra ou ações comunicativas têm uma relação inseparável. As elaborações desses dois autores contribuíram, em grande medida, para importantes teorias no campo da comunicação e do diálogo e também são tomadas como referência para pensarmos possibilidades educativas, como aquelas elaboradas pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades – CREA, da Universidade de Barcelona, na Espanha. Baseado na concepção de diálogo como princípio norteador de práticas de ensino mais democráticas, o CREA formula o conceito de Aprendizagem Dialógica. A aprendizagem dialógica articula maneiras de promover a aprendizagem (escolar ou não) com base na interação e na intersubjetividade. Tal conceito é formado por sete princípios: diálogo igualitário, inteligência cultural, dimensão instrumental, transformação, solidariedade, criação de sentido e igualdade de diferenças, compostos pela contribuição de diferentes autores e teorias progressistas, entre eles os autores Austin e Freire. Com base na potencialidade de tal conceito para a compreensão e emancipação das práticas educativas é que esse trabalho se propôs investigar as contribuições desses dois autores para a elaboração do conceito de aprendizagem dialógica, procurando evidenciar as convergências entre os conceitos desses dois estudiosos e a perspectiva da aprendizagem dialógica elaborada pelo CREA/UB, com a intenção de evidenciar suas contribuições para pensarmos a educação e a escola.

PALAVRAS – CHAVE: Aprendizagem Dialógica. Austin. Freire.

¹ Trabalho referente à pesquisa de iniciação científica desenvolvida no âmbito do Programa PIVIC/CNPq, orientado pela Profa. Dra. Vanessa Gabassa – Faculdade de Educação – UFG. Modalidade de apresentação: pôster. GT: Diálogos Abertos sobre a Educação Básica.

² Discente de Pedagogia na Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação.

A compreensão da comunicação e do diálogo tem se apresentado como campo de estudo há bastante tempo, haja visto que a linguagem é uma das principais características do ser humano enquanto um sujeito social e coletivo. A comunicação não só estabelece as interações humanas como as condiciona, na maioria das vezes. Como ressalta Freire (2006, p. 74), “a dialogicidade é uma exigência da natureza humana (...)”

Na perspectiva educativa, a comunicação é fator central na compreensão dos processos de ensino e aprendizagem. Diferentes autores já apresentaram e discutiram essa problemática (FREIRE, 2005; MELLO, 1998, GORDON WELS, 2001) e cada vez mais ela vem ganhando cenário na área das ciências sociais como um todo.

Um exemplo da importância da comunicação atrelada à ação no mundo pode ser evidenciado nas produções de Austin. De acordo com Souza Filho (2006), a Teoria dos Atos de Fala, de Austin é, dentre as principais correntes contemporâneas da filosofia da linguagem, a que melhor representa a concepção pragmática de linguagem, isto é, o uso da linguagem entendido como forma de ação, ou seja, o modo de realizar atos por meio das palavras.

Essa compreensão evidencia a preocupação de Austin com os aspectos interacionais dos Atos de Fala, pois dizer algo equivale a assumir um compromisso com o ouvinte ou, ainda, podemos compreender que os atos de fala podem modificar os contextos no qual estão inseridos, como o autor demonstra em sua obra *Como fazer coisas com as palavras* (1962).

Freire (2011), por sua vez, também diz da importância do diálogo como reclame para a construção de uma sociedade mais democrática.

Não há comunicação sem dialogicidade e a comunicação está no núcleo do fenômeno vital. Nesse sentido, a comunicação é vida e fator de mais vida. Mas, se a comunicação e a informação ocorrem ao nível da vida sobre o suporte, imaginemos sua importância e, portanto, a da dialogicidade, na existência humana no mundo. (FREIRE, 2006,p.74)

O diálogo e a comunicação, na perspectiva freireana, possibilita a aproximação entre sujeitos, alunos e professores, mundo, escola, ensino e aprendizagem. O diálogo é uma forma de relacionar-se com o outro e também de se pensar a relação pedagógica enquanto uma troca, uma relação intersubjetiva. Assim como Austin, Freire afirma que

o diálogo implica uma ação direta no mundo. Ele é composto pela palavra em um duplo sentido: ação e reflexão.

Seja do âmbito da filosofia da linguagem ou do âmbito da educação, ambos os autores ressaltam o caráter transformador do diálogo, compreendendo-o como social e histórico. Austin e Freire discutem sobre o poder que as palavras, a comunicação e o diálogo possuem, interferem e modificam relações; que o sentido da palavra ou ações comunicativas tem uma relação inseparável no mundo.

Desse ponto de vista, as elaborações desses dois autores contribuíram, em grande medida, para importantes teorias no campo da comunicação e da linguagem e também da educação. A Teoria da Ação Comunicativa, de Habermas, por exemplo, foi elaborada na década de 1980 e se baseou em conceitos centrais de Austin. A produção freireana, na mesma direção, é reconhecida internacionalmente na área da educação e se configura como a produção mais acessada nos bancos de dados internacionais.

Além disso, ambos os autores serviram e têm servido de base para reflexões e análises não apenas no campo da filosofia da linguagem, da linguística ou da educação, mas também para as ciências sociais como um todo.

Nessa perspectiva se insere o conceito de *aprendizagem dialógica*, formulado pelo Centro Especial em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, Espanha, e que tem como referencial principal as elaborações de Habermas, no campo da filosofia e sociologia e de Freire, no campo da educação, mas também de outros autores que transitam na esfera da comunicação e do diálogo, como é o caso de Austin.

Tal conceito é formado por sete princípios: diálogo igualitário, inteligência cultural, dimensão instrumental, transformação, solidariedade, criação de sentido e igualdade de diferenças. Esse conjunto de princípios representa uma ferramenta teórico metodológica para a educação de maneira geral e, em especial, para a educação escolar, tendo o diálogo como eixo de interação e aprendizagem:

- Diálogo igualitário: de acordo com Flecha (1997) para que o diálogo seja igualitário é preciso considerar a função de validade de um argumento e não a posição de poder das pessoas que estão na interlocução e, assim, todas as pessoas podem aprender igualmente;
- Inteligência cultural: considera-se que todas as pessoas têm inteligência e que esta é reportada ao seu contexto cultural, de maneira que todas tem igual condição de

participar em um diálogo igualitário, rechaçando-se a valoração social dada a determinados grupos privilegiados;

- Transformação: o homem e a mulher são seres de transformação e não de adaptação, e esta transformação se faz coletivamente, mediada pelo diálogo intersubjetivo. A transformação não acontece do dia para a noite, mas é resultado de um processo elaborado coletivamente;
- Criação de sentido: implica que o sujeito se veja protagonista de sua própria existência, no sentido de dar uma determinada orientação vital a sua vida, tendo por base o diálogo com o outro numa relação horizontal;
- Solidariedade: segundo Flecha (ibid), as práticas educativas igualitárias só podem se fundamentar em concepções solidárias. A solidariedade é um recurso de mobilização, já que questionam o individualismo e, nesse sentido, deve-se enxergar a existência de um projeto igualitário de transformação social por meio da ação educativa;
- Dimensão instrumental: uma boa preparação acadêmica que enfatize a dimensão instrumental da aprendizagem é um elemento chave para minimizar os efeitos da exclusão social. A aprendizagem instrumental é aprofundada e intensificada quando situada em um marco dialógico;
- Igualdade de diferenças: a verdadeira igualdade inclui o igual direito de toda pessoa ser diferente, o que significa que todas as pessoas têm direito a uma educação igualitária, independente de seu gênero, classe social, idade, cultura, formação acadêmica. A partir do reconhecimento da diversidade, chega-se a uma situação de igualdade que não é homogênea.

O conceito de aprendizagem dialógica surge com a proposta de aproximar os centros educacionais do contexto dos sujeitos, do mundo, sociedade e comunidade ao qual se insere. “A aprendizagem dialógica é um conceito que diz respeito a uma maneira de conceber a aprendizagem e as interações.” (MELLO, GABASSA e BRAGA, 2012).

As contribuições de Austin e Freire são chaves para a elaboração deste conceito, especialmente no que diz respeito aos princípios de *diálogo igualitário* e *transformação*. Se consideramos, como Freire, que o diálogo é uma exigência da humanidade e, portanto, direito de cada pessoa, ele deve estabelecer-se de maneira

igualitária, em uma relação horizontal que garanta espaço às diferentes vozes e argumentos. E se levamos em conta a perspectiva da fala e do diálogo como ação no mundo, como sugerem Freire e também Austin, encontramos que a transformação é de fato prerrogativa do diálogo, que gera mudanças nos sujeitos e também nas relações que se estabelecem entre eles, causando transformações na própria realidade.

As convergências entre os conceitos desses dois estudiosos (Freire e Austin) e a perspectiva da aprendizagem dialógica elaborada pelo CREA/UB evidencia, ainda com mais força, a potencialidade de tal conceito para a compreensão e emancipação das práticas educativas, sejam elas escolares ou não escolares. Ao fomentar a perspectiva dialógica têm-se a chance de implementar mudanças significativas na direção da democratização e equidade das escolas e sociedade.

Referências

AUBERT ET AL (Flécha, A; García, C; Flécha, R; Racionero, S.). **Aprendizagem Dialógica na Sociedade da Informação**. Barcelona: Hipatia Editorial, 2008.

AUSTIN, J.L. **Como fazer coisas com palavras**. Oxford University Press, 1962.

FLECHA, R. **Compartiendo Palabras. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo**. Barcelona: Editora Paidós, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 42ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Á sombra desta mangueira**. 8ª.ed. São Paulo: Olho d'água, 2006.

FREIRE, P. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 13ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MELLO, Roseli Rodrigues de. **Um diálogo sobre a relação dialógica em sala de aula**. In A Causa dos Professores. São Paulo: Editora Papyrus, 1995.

SOUZA FILHO, D. M. **A Teoria dos Atos de Fala como compreensão pragmática de Linguagem**. Filosofia Unisinos, Volume 7, Set/Dez, 2006 (p. 217-230).

WELLS, Gordon. **Indagación Dialógica. Hacia una teoría y una práctica socioculturales de la educación**. Barcelona: Paidós, 2001.